



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

griotrevista@gmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

Assi Barreto, André
Da mentira, de Gabriel Liiceanu
Griot: Revista de Filosofia, vol. 10, núm. 2, 2014, pp. 294-297
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v10i2.605>


Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576664779018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UAEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

DA MENTIRA, DE GABRIEL LIICEANU

André Assi Barreto¹
Universidade de São Paulo (USP)
 <https://orcid.org/0000-0001-6771-7880>

LIICEANU, Gabriel. Da mentira. São Paulo: Vide Editorial, 2014.

O propósito do filósofo romeno Gabriel Liiceanu em seu “Da Mentira” é mostrar os textos da tradição ocidental que são fundacionais daquilo que ele chama de “moral de segunda instância”, moral que autoriza a mentira à luz de alguma finalidade triunfal superior, tão característica da política moderna e contemporânea. Liiceanu faz isso reportando o leitor às obras *Filoctetes* (Sófocles), *Hípias Menor* (Platão) e *Príncipe* (Maquiavel) e atrelando suas conclusões à política de sua terra natal, a Romênia.

PALAVRAS-CHAVE: Política; Mentira; Romênia.

A obra “Da Mentira”, do filósofo, ensaísta e cineasta romeno Gabriel Liiceanu (1942) – formado em filosofia pela Universidade de Bucareste e tradutor das obras de Platão e Aristóteles para a língua romena – introduzida ao leitor brasileiro pela editora Vide Editorial cumpre, antes de mais nada, um papel de divulgação, pois proporciona ao leitor brasileiro contato com um autor que é filho da riquíssima tradição filosófica da terra de Lucian Blaga (1895-1961), Constantin Noica (1909-1987), Emil Cioran (1911-1995), Nicolae Steinhardt (1912-1989) e Andrei Pleșu (1948), a Romênia; tradição ainda pouquíssimo explorada por estudiosos e mercado editorial brasileiros.

A obra é composta por um texto apresentado em uma conferência na Universidade de Timișoara em 15 de novembro de 2004 e no dia posterior na Universidade de Oradea. Por ocasião de eleições na Romênia, o propósito de Liiceanu é analisar desde um ponto de vista filosófico o papel da mentira na política local, para tal intento serviu-se das obras *Filoctetes* de Sófocles, *Hípias Menor* de Platão e *Príncipe* de Maquiavel². Liiceanu nomeia seu tema como a “moral de segunda instância”, que é justamente o

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo – Brasil, mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo - Brasil com bolsa CAPES e professor das redes pública e particular de São Paulo. E-mail: andreassibarreto@protonmail.ch.

² Nos *Addenda* do livro constam fragmentos das duas primeiras obras citadas.

tipo de mentira praticada no terreno da política, não se trata apenas da falta com a verdade, mas da falta com a verdade intencional, justificada pelo bem futuro que será colhido graças à prática da mentira, trata-se, portanto, do estudo acerca da “construção de um programa moral político eficaz, fundado de maneira explícita na mentira” (LIICEANU, 2014, p. 7). Segundo o filósofo romeno, o texto de Sófocles é o primeiro da tradição ocidental a abordar a mentira desse ponto de vista, trata-se do “primeiro texto que teoriza (e justifica) o emprego com a virtuosidade de qualquer meio, dos recursos “do mal” em vista de atingir “o bem comum” (*idem*, p. 7); nesse caso a mentira estaria justificada pelo seu resultado positivo futuro.

O livro divide-se em quatro capítulos. Os três primeiros retratam as três obras citadas, consideradas elementares da política europeia pelo autor; no quarto capítulo Liiceanu aproxima a reflexão dos capítulos anteriores à realidade política romena. Antes disso, afirma que a mentira é essencial e puramente humana:

Propus a mim mesmo falar da mentira, o que significa, de algo puramente humano: apenas o homem pode mentir, porque apenas o homem tem parte num “algo” que pode exprimir e que, exprimindo, pode mover-se em duas direções totalmente opostas: a verdade e o falso intencional. Este “algo” é a língua (LIICEANU, 2014, p. 9).

Dessa maneira, o autor pretende buscar a raiz da justificação da mentira na política europeia. O primeiro caso sagrado pela tradição é o do pedido de Odisseu a Neoptólmo para que este resgate Filoctetes custe o que custar “empregando palavras”. Neoptólmo, filho de Ulisses, recusa-se em nome da honra e Odisseu tenta persuadi-lo servindo-se de dois argumentos: alega que a mentira atual é justificada pelo triunfo final (argumento de caráter pragmático) e também alega que ele, Odisseu, por ser mais experiente é mais sábio e garante que a ação mais coerente é a mentira, dado que já resolveu diversas situações empregando tal ardil (argumento de caráter sapiencial). Estaria instaurada desde aí, segundo Liiceanu, uma nova época: “a época do resolver da diferença pela fraude, do repensar das relações humanas pelo reassentamento do político na mentira necessária” (LIICEANU, 2014, p. 18). O segundo texto heleno a tratar da mentira, 10 anos mais velho que o *Filoctetes*, é o *Hípias Menor* de Platão. No diálogo fica estabelecido que o mentiroso contumaz é sábio, aquele capaz de mentir habilmente é o mesmo que apresenta conhecimentos variados, para mentir bem é preciso ser sábio. Locam-se numa esfera superior os chamados “politrópicos”: “o pronunciador supremo da verdade é o que pode mentir de maneira ideal. O sincero e o mentiroso podem ser muito bem uma e a mesma pessoa” (*idem*, p. 28).

Antes de abordar a obra de Maquiavel, o filósofo romeno faz um pequeno *intermezzo* onde trata do conceito grego de “*deinon*”. *Deinon*, para um grego, não era o medo comum que se sente diante de uma fera animal, por exemplo, mas o temor que se sente diante do incompreendido, de algo que não pertence à ordem humana. Para Liiceanu, a mentira instalou-se na vida política quando o homem não sentiu *deinon* diante mentira explícita usada para fins políticos, os exemplos podem ser variados: a negação do holocausto ou a relativização dos crimes do comunismo. O autor afirma que “seria assombroso, *deinon*, que a alma que faz o mal voluntariamente seja melhor do que a que o faz involuntariamente” (LIICEANU, 2014, p. 33) e que a partir dessa ausência, relatadas por Sófocles e Platão representam “a consciência do fato de que a sociedade, numa dada “idade”, perdeu a virgindade moral” (*idem*, p. 34).

Em Maquiavel, a mentira como estratégia para a chegada e manutenção do poder está estabelecida. É característico do príncipe com *virtú* saber mentir habilmente para conquistar e manter o trono. A comunicação entre os textos helenos e o moderno Maquiavel é ideal, de acordo com Liiceanu; é feita com o intuito de “esboçar um percurso da consciência da fraude linguística e comportamental no perímetro da cultura da Europa” (LIICEANU, 2014, p. 40). Maquiavel garantiu à instância política o livramento de dois fardos que dirigiam a política desde os gregos: o ético-metafísico, do bem a ser realizado com base na *Ética Nicomaqueia* e o ético-teológico, atrelado ao bem transcendente que pairava sob a cidade medieval. Maquiavel livrou a política de Aristóteles e de Deus. O homem hipotético do *Hípias Menor* – o sábio que graças a sua sabedoria é capaz de praticar tanto o bem quanto o mal – torna-se real com Maquiavel: é do estadista virtuoso ser aquele que “recorre ao mal quando o bem deve ser salvo, defendido ou consolidado” (*idem*, p. 46). Sobre o que, então, teorizam as três obras elencadas por Liiceanu? A partir delas se “descobre, assim como eu disse, a moral de segunda instância como moral política, descobre essa coisa terrível e não-familiar (*deinon*) que, no mundo humano decaído, para reprimir um mal maior e para obter o bem (comum) é necessário ‘entrar em contato com o mal’” (*idem*, p. 43). Fica assim estabelecido de maneira completa, segundo Liiceanu, o uso da mentira como ferramenta de defesa do “bem comum” ou do “bem maior”, fins nobres justificariam o uso da mentira como meio para atingi-los.

Isso posto, Liiceanu observa como a mentira ascendeu a política de Estado na Romênia. É válido lembrar que a Romênia foi satélite soviético e governada pelo ditador comunista Nicolae Ceaușescu de 1965 a 1989. Como também sagra a tradição literária, tendo por ícone o romance “1984” de George Orwell, a verdade é a primeira a ser sacrificada e manipulada em condições de guerra ou em estados totalitários que instalam uma polícia

política³. Para o filósofo romeno, com o comunismo instalado na Romênia, a mentira atingiu uma condição coletiva. Lembra Soljenitzin em *O Arquipélago Gulag* onde o prisioneiro político afirma que o império soviético e o comunismo não foram possíveis senão pela mentira. Para Liiceanu, há três tipos de situações com aqueles que creem no comunismo: os que o fazem até que percebam o *erro*, como George Orwell, Alain de Besançon e outros, aqueles engajados no erro até o fim, mesmo quando viam seus pares assassinados e um terceiro tipo, os que sabiam que o comunismo era um grande embuste, mas permaneciam nele intencionalmente, este terceiro tipo é o mentiroso.

O comunismo na Romênia e alhures, segundo Liiceanu, eleva a mentira a um patamar nunca antes atingido, é “mentira dita às claras e sistematizada como ideologia. É a mentira constante, monótona e bem articulada” (LIICEANU, 2014, p. 56). Trotski afirmava que sua ética é aquilo que fortalece o partido, dado esse quadro, a mentira é sagrada à condição de método. Não é mais a mentira esporádica para colher alguns pares de votos de eleitores ingênuos, mas sim uma prática de governo instituída e estimada. É mentira com sede de verdade, a mentira “passa a ser (ou é) a verdade *pelo terror*” (*idem*, p. 57).

Dessa forma, o livro de Liiceanu analisa uma questão elementar da política como um todo e especialmente do século XX (que o particulariza). Com a ascensão de regimes totalitários por meios revolucionários – e que ocasionaram a morte de milhões, a mentira tornou-se um item indispensável para a dinâmica política. Propagandas descaradamente enganosas, como a nazista e a comunista, bem como a justificação dos respectivos morticínios causados por essas ideologias não seria possível sem a mentira ocupar o lugar elevado que ocupou.

³ Talvez a imagem mais conhecida disso seja a tortura a que Winston foi submetido por O’Brien para não apenas admitir que 2 mais 2 são 5, mas para *acreditar* nisso.